

IX ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS
DUBLIM, 21-26 DE AGOSTO DE 2018
O EVANGELHO DA FAMÍLIA: ALEGRIA PARA O MUNDO

QUARTA CATEQUESE: O GRANDE SONHO PARA TODOS

***“TODOS QUANTOS O OUVIAM, ESTAVAM ESTUPEFACTOS
COM A SUA INTELIGÊNCIA E AS SUAS RESPOSTAS” (Lc 2,47)***

*Senhor Jesus Cristo,
Vós, que nos ensinastes a ser misericordiosos como o Pai celeste,
e nos dissestes que quem Vos vê, vê o Pai.
Mostrai-nos o Vosso rosto e seremos salvos.
O Vosso olhar amoroso libertou Zaquê e Mateus da escravidão do dinheiro;
a adúltera e Madalena de colocar a felicidade apenas numa criatura;
fez Pedro chorar depois da traição,
e assegurou o Paraíso ao ladrão arrependido.
Fazei que cada um de nós considere como dirigidas a si mesmo
as palavras que dissestes à mulher samaritana: Se tu conhecesses o dom de Deus!*

*Vós sois o rosto visível do Pai invisível,
do Deus que manifesta sua onipotência sobretudo com o perdão e a misericórdia:
fazei que a Igreja seja no mundo o Vosso rosto visível,
seu Senhor, ressuscitado e na glória.
Vós quisestes que os Vossos ministros fossem também eles revestidos de fraqueza
para sentirem verdadeira compaixão por aqueles que estão na ignorância e no erro:
fazei que todos os que se aproximarem de cada um deles
se sintam esperados, amados e perdoados por Deus.*

*Enviai o Vosso Espírito e consagrai-nos a todos com a sua unção
[para que o Jubileu da Misericórdia seja um ano de graça do Senhor]
e a Vossa Igreja possa, com renovado entusiasmo,
levar aos pobres a alegre mensagem,
proclamar aos cativos e oprimidos a libertação
e aos cegos restaurar a vista.*

*Nós Vo-lo pedimos por intercessão de Maria, Mãe de Misericórdia,
a Vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.
Ámen*

(Papa Francisco, Oração para o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 8.12.2015)

É a primeira vez que o Evangelho apresenta a Jesus a falar, interagindo com os mestres no templo, através de perguntas e respostas, e as suas palavras deixam todos maravilhados e

surpreendidos pela sua inteligência. É interessante notar que a sua primeira intervenção não é um simples ensinamento, perante o qual os seus interlocutores ficam em silêncio a escutar e nada mais. Ele, em vez disso, interage, dialoga, pergunta, escuta, responde e, nesse diálogo bastante dinâmico e animado, a todos surpreende, a ninguém exclui. A sua Palavra consegue tocar todos, e isto acontece logo na primeira vez que fala. Desde o início, não só mostra capacidade para personalizar o diálogo com todos os que encontra no Seu caminho, como também, e acima de tudo, manifesta o desejo de se dirigir a todos, porque *«quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade»* (1 Tm 2,4).

Todos precisam da salvação de Deus, e esta redenção abrange cada homem, através da misericórdia divina revelada no rosto do Filho. *«É por isso – disse Papa Francisco – que instituí um Jubileu Extraordinário da Misericórdia, como tempo favorável para a Igreja, afim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos fiéis»* (*Misericordiae vultus* 3). Tal convite é dirigido, em primeiro lugar, à Igreja, porque é ela acima de tudo que *«tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que através dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém»* (*Misericordiae vultus* 12). Não há fragilidade, ou fraqueza, ou miséria humana que anule ou retenha a misericórdia divina, antes, pelo contrário, *«depois que se revestiu da misericórdia, embora permaneça a condição de fraqueza por causa do pecado, tal condição é dominada pelo amor que consente de olhar mais além e viver de maneira diferente»* (*Misericordia et misera* 1).

É errado e um pouco desviante, pensar na ação misericordiosa de Deus como uma recompensa dada àqueles que abandonaram a sua miséria. A misericórdia de Deus nunca é conquistada ou paga a alto preço, mas é sempre dada e oferecida gratuitamente a todos, para que cada um, como o filho pródigo, uma vez revestido com as vestes mais formosas do Pai que o aguarda desde o dia da sua partida, possa abraçar uma vida nova.

No fundo, é a misericórdia de Deus, que gera a conversão, não o contrário. Nunca será a conversão humana a atrair e conquistar a misericórdia divina. É a experiência sempre gratuita e surpreendente do perdão de Deus, que desencadeia no coração humano um verdadeiro e sincero desejo de conversão e mudança para uma vida nova. Tal anúncio é para todos e para cada um, cada um na sua única e pessoal condição e situação. Ninguém, absolutamente ninguém é excluído da misericórdia de Deus! Mesmo aqueles que, por várias razões, permanecem num estado que não é adequado ao ideal evangélico, os braços do Pai misericordioso estão sempre abertos. Portanto, também *«às pessoas divorciadas que vivem numa nova união, é importante fazer-lhes sentir que fazem parte da Igreja, que “não estão excomungadas” nem são tratadas como tais, porque integram sempre a comunhão eclesial»* (AL 243). Atenção! Aqui não se está a pôr em discussão a doutrina cristã sobre o dom da indissolubilidade do sacramento do matrimónio. A Igreja está bem ciente de que *«toda a rutura do vínculo matrimonial é contra a vontade de Deus»* (AL 291), porque a indissolubilidade matrimonial é *«fruto, sinal e exigência do amor absolutamente fiel que Deus manifesta pelo homem e que Cristo vive para com a Igreja»* (*Familiaris consortio* 20). Daqui nasce o apelo que o Papa Francisco lança a toda a comunidade eclesial: *«tanto a preparação próxima como o acompanhamento mais prolongado, devem procurar que os noivos não considerem o matrimónio como o fim do caminho, mas o assumam como uma vocação que os lança para diante, com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis. Tanto a pastoral pré-matrimonial como a matrimonial devem ser, antes de*

mais nada, uma pastoral do vínculo, na qual se ofereçam elementos que ajudem quer a amadurecer o amor quer a superar os momentos duros. Estas contribuições não são apenas convicções doutrinárias, nem se podem reduzir aos preciosos recursos espirituais, que a Igreja sempre oferece, mas devem ser também percursos práticos, conselhos bem encarnados, estratégias tomadas da experiência, orientações psicológicas. Tudo isto cria uma pedagogia do amor, que não pode ignorar a sensibilidade atual dos jovens, para conseguir mobilizá-los interiormente. Ao mesmo tempo, na preparação dos noivos, deve ser possível indicar-lhes lugares e pessoas, consultórios ou famílias prontas a ajudar, aonde poderão dirigir-se em busca de ajuda se surgirem dificuldades. Mas nunca se deve esquecer de lhes propor a Reconciliação sacramental, que permite colocar os pecados e os erros da vida passada e da própria relação sob o influxo do perdão misericordioso de Deus e da sua força sanadora» (AL 211). Portanto, é urgente oferecer todos estes instrumentos necessários, para que possamos viver e levar à plenitude o dom extraordinário da indissolubilidade do sacramento nupcial; e sobretudo é preciso que todos saibam, que Cristo, «na celebração do sacramento do matrimônio, oferece um “coração novo”: assim os cônjuges podem não só superar a “dureza do coração”, mas também e sobretudo partilhar o amor pleno e definitivo de Cristo, nova e eterna Aliança feita carne. Assim como o Senhor Jesus é a “testemunha fiel”, é o “sim” das promessas de Deus e, portanto, a realização suprema da fidelidade incondicional com que Deus ama o seu povo, da mesma forma os cônjuges cristãos são chamados a uma participação real na indissolubilidade irrevogável, que liga Cristo à Igreja, sua esposa, por Ele amada até ao fim» (Familiaris consortio 20). Diante desta grande riqueza de verdades extraordinárias do Evangelho e de diretrizes concretas e realistas de ordem pastoral, é imperioso e fundamental perguntar-nos quanto tempo, quanto espaço e quantos recursos as nossas comunidades cristãs dedicam à pastoral pré-matrimonial e à matrimonial? É muito fácil carregar totalmente apenas sobre os ombros dos cônjuges, as muitas falhas matrimoniais. Talvez seja importante, como comunidade eclesial, perguntar-se: de quanto acompanhamento e de quanto discernimento puderam desfrutar os jovens casais, antes de dar o grande passo de sua vida, que é o sacramento do matrimônio? É preciso começar a oferecer-lhes o que lhes é devido. Sobretudo «os primeiros anos de matrimônio são um período vital e delicado, durante o qual os cônjuges crescem na consciência dos desafios e do significado do matrimônio. Daí a necessidade dum acompanhamento pastoral que continue depois da celebração do sacramento (cf Familiaris consortio, parte III). Nesta pastoral, tem grande importância a presença de casais de esposos com experiência. A paróquia é considerada como o lugar onde casais especializados podem colocar à disposição dos casais mais jovens a sua ajuda, com o eventual apoio de associações, movimentos eclesiais e novas comunidades» (AL 223).

O mesmo cuidado e atenção devem ser dados a todas as situações familiares conflituantes. «Iluminada pelo olhar de Cristo, a Igreja “dirige-se com amor àqueles que participam na sua vida de modo incompleto, reconhecendo que a graça de Deus também atua nas suas vidas, dando-lhes a coragem para fazer o bem, cuidar com amor um do outro e estar ao serviço da comunidade onde vivem e trabalham”» (AL 291). Nunca ninguém poderá traçar os limites da obra da graça divina, porque ela atua sempre, onde quer que seja e para além da imaginação humana. Na comunidade eclesial é necessário, no entanto, uma missão particular, que o Papa Francisco gosta de interpretar deste modo: «creio sinceramente que Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade: uma Mãe que,

ao mesmo tempo que expressa claramente a sua doutrina objetiva, “não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada”» (AL 308).

Encontramo-nos agora num ponto central e nevrálgico da fé cristã, face ao qual é muito fácil cair em dois excessos: O primeiro, talvez culturalmente mais comum e generalizado, tende a minimizar qualquer estado matrimonial, desde que a sua consciência esteja bem perante Deus; o outro, considerado agora mais retrógrado, distingue os chamados cristãos regulares dos que se encontram em situações “*irregulares*”. Claramente nem um nem o outro excesso estão em sintonia quer com o ensinamento do Evangelho, quer com o Magistério da Igreja.

O grande anúncio que Cristo trouxe ao mundo, e que devemos sempre reiterar em todos os lugares e em cada momento, é que Deus tem um Grande Sonho para todos, do qual ninguém é excluído. Qual é o Grande Sonho de Deus para todos? Talvez seja melhor começar pelo que não é. O sonho divino não é o matrimónio, não é a constituição da família. Eles fazem parte do Sonho, porque traçam o caminho, a estrada, o percurso, o itinerário, mas nunca constituem a meta final da vida de uma pessoa. Isto significa que aqueles que vivem plenamente o sacramento do matrimónio, já experimentam, na terra, o aperitivo do objetivo final das núpcias eternas de Cristo com toda a humanidade.

Quem, no entanto, por várias razões, vive a sua existência terrena numa situação de fragilidade humana, na qual o seu próprio matrimónio sacramental é provado e atingido por feridas incuráveis nesta terra, não lhe será impedido o acesso ao banquete nupcial eterno, pelo contrário, talvez até mais no seu coração arderá um forte desejo por esse objetivo, por causa da sua condição humana atual.

Qual é então o Grande Sonho de Deus para todos, do qual ninguém está excluído? As núpcias eternas com cada criatura humana! Porque é que na reflexão e, conseqüentemente, na pastoral da Igreja se afirmam divergências, para criar ambiguidade e confusão na mente dos cristãos?

Porque, frequentemente, olhamos para o Sonho de Deus da parte da terra e não da parte do céu. Quando se observa um bordado de baixo, só consegue ver o enredo de muitos fios entrelaçados uns com os outros de modo confuso e sem sentido. Em vez disso, observando-o de cima, podemos ver com grande surpresa que, graças a esse desordenado entrelaçamento de fios, se realiza um desenho extraordinário, bordado com amor e paciência pela mão de Deus. Da mesma forma, só poderemos perceber a beleza e a grandeza do Sonho de Deus se o olharmos do lado do eterno.

É precisamente este o convite do Papa Francisco na conclusão da *Amoris Laetitia*: *«contemplar a plenitude que ainda não alcançamos permite-nos também relativizar o percurso histórico que estamos a fazer como família, para deixar de pretender das relações interpessoais uma perfeição, uma pureza de intenções e uma coerência, que só poderemos encontrar no Reino definitivo. Além disso, impede-nos de julgar com dureza aqueles que vivem em condições de grande fragilidade. Somos todos chamados a manter viva a tensão para algo mais além de nós mesmos e dos nossos limites, e cada família deve viver neste estímulo constante. Avancemos, famílias; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida» (AL 325).*

Para além disto, quem vive na graça do sacramento do matrimónio tem também um pouco mais de responsabilidade por situações de crises conjugais e familiares, se é verdade

que o sacramento do matrimónio, tal como o da ordem, é para a missão e a edificação da Igreja. De fato, «estas situações “exigem um atento discernimento e um acompanhamento com grande respeito, evitando qualquer linguagem e atitude que as faça sentir discriminadas e promovendo a sua participação na vida da comunidade. Cuidar delas não é, para a comunidade cristã, um enfraquecimento da sua fé e do seu testemunho sobre a indissolubilidade do matrimónio; antes, ela exprime precisamente neste cuidado a sua caridade”» (AL 243).

Portanto, a indissolubilidade matrimonial não é um dom apenas para os esposos, mas é para toda a comunidade e especialmente para aqueles que vivem a ferida de seu matrimónio em crise. Por outras palavras, se é verdade que os esposos, em virtude da graça nupcial, vivem a força da sua comunhão de modo divino, uma força tão irreprimível não pode ficar fechada entre os dois ou dentro dos muros familiares do seu lar mas, pela sua natureza, é levada a espalhar-se por todo o lado e a fazer com que todos desfrutem, com maior razão quem vive dramas conjugais e familiares, o bálsamo da comunhão, da ternura e da compaixão de Deus, que passa através da graça da sua indissolubilidade conjugal. A indissolubilidade é, por conseguinte, um grande dom para toda a Igreja, porque comunica a todos o eterno e fiel amor de Deus em Cristo Jesus.

Em Família

Refletamos

1. Em que sentido o dom da indissolubilidade conjugal não é só para os esposos, mas para toda a comunidade eclesial?
2. O que deve ser oferecido a um jovem casal, que bate a porta da Igreja para pedir o sacramento do matrimónio?

Vivamos

1. Como é que as famílias podem tornar-se o sujeito responsável pela pastoral pré-matrimonial e matrimonial nas nossas comunidades eclesiais?
2. Em que sentido e de que modo os cônjuges são chamados a dar um contributo precioso e único às muitas famílias feridas por todo género de crise e de fragilidade conjugal?

Na Igreja

Refletamos

1. Qual é o Grande Sonho de Deus para todos, do qual ninguém é excluído?
2. Quanto tempo, quanto espaço e quantos recursos as nossas comunidades cristãs dedicam à pastoral pré-matrimonial e à pastoral matrimonial?

Vivamos

1. Que tipo de pastoral de acompanhamento, discernimento e integração é chamada a comunidade cristã a colocar em prática, junto de tantas famílias feridas por todo tipo de crise e de fragilidade conjugal?
2. Quais são as dificuldades encontradas na pastoral, junto dos que se sentem um pouco excluídos da comunidade eclesial, por causa das suas situações conjugais e familiares

particulares? Que propostas concretas em ordem a um verdadeiro anúncio do Grande Sonho de Deus para eles?